



Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

Vol. 32 | 2013

O surgimento da ciência moderna na Europa

A procura leibniziana de uma via original da modernidade

The Leibnizian search for an original way of Modern rationality

Adelino Cardoso



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2052>

DOI: 10.4000/cultura.2052

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 2 Dezembro 2013

Paginação: 239-253

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Adelino Cardoso, « A procura leibniziana de uma via original da modernidade », *Cultura* [Online], Vol. 32 | 2013, posto online no dia 03 março 2015, consultado a 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2052> ; DOI : 10.4000/cultura.2052

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© CHAM – Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

A procura leibniziana de uma via original da modernidade

The Leibnizian search for an original way of Modern rationality

Adelino Cardoso

AUTHOR'S NOTE

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito dos projectos *O Surgimento da Ciência Moderna: G. W. Leibniz e “O conceito de natureza no pensamento médico-filosófico na transição do século XVII ao XVIII – PTDC/ FIL-FCI/116843/ 2010”*.

A tarefa de uma verdadeira reforma da filosofia

- 1 Jacob Thomasius (1622-1684) foi o professor que mais influenciou Leibniz enquanto estudante na universidade de Leipzig. Essa influência marcante traduziu-se nomeadamente na orientação da dissertação leibniziana *De principio individui* (1663), onde defende abertamente a tese suareziana da individuação pela *entitas tota* e rejeita frontalmente a tese escotista da individuação pela heceidade: “Todo o indivíduo se individua pela sua entidade inteira” (*Omne individuum suâ totâ Entitate individuatur*).¹ *Entitas tota* não significa uma totalidade imediatamente dada, mas dinamismo de integração e unificação pelo qual uma entidade se constitui como unidade que liga numa totalidade a pluralidade dos seus acidentes.² Ora, nessa dinâmica de autoconstituição segundo um princípio interno, matéria e forma ajustam-se perfeitamente, mas não se percebe, segundo Leibniz, como é que a heceidade poderia aí jogar: “É inexplicável como é que os acidentes individuais nascem da heceidade, ao passo que isso se pode explicar facilmente segundo a nossa opinião, porque há disposição da matéria para a forma, mas nenhuma das espécies para a heceidade”.³ Mais do que a recusa da heceidade, importa a razão dessa recusa: não explica a inerência dos predicados ao sujeito. De igual modo, é

relevante a copertença de matéria e forma, que não são entidades realmente distintas: “(...) o aspecto material e o formal do indivíduo, ou seja, a espécie e o indivíduo não diferem realmente” (*materiale et formale individui seu species et individuum non differunt realiter*).⁴ Condensadamente, Leibniz antecipa aqui um tópico nuclear da sua filosofia e que estará no cerne da correspondência com o seu respeitável Mestre, iniciada imediatamente após a conclusão dos seus estudos universitários e que se prolonga por um período de cerca de dez anos (1663-1672).

- 2 Esta correspondência testemunha admiravelmente a evolução do jovem Filósofo. Num total de dezasseis cartas que chegaram até nós, onze são de Leibniz e cinco de Thomasius, o que não indicia necessariamente falta de interesse deste último pelas missivas do seu ex-aluno, posto que, se as quatro primeiras são todas de Leibniz, pelo menos a segunda⁵ e a terceira⁶ seriam respostas a perguntas formuladas por Thomasius. Importa assinalar que os dois interlocutores mantêm uma correspondência regular entre 1668 e 1671. As cartas IV a VII, de 1668 / 1669, são as mais relevantes pelo seu conteúdo e pelo grau de controvérsia.
- 3 A relação entre antigos e modernos é o ponto de divergência mais relevante. Thomasius e Leibniz são ambos pela continuidade, tendo em comum uma sensibilidade renascentista: o saber antigo, que tem o seu expoente máximo no saber aristotélico, é conciliável com a ciência moderna, desde que devidamente interpretado, liberto da ofuscação introduzida pelo fumo dos escolásticos: “Raey mostra suficientemente, na sua *Clavis philosophiae naturalis*, que as trevas de Aristóteles são o efeito do fumo escolástico e que o próprio Aristóteles se ajusta admiravelmente a Galileu, Bacon, Gassendi, Hobbes, Descartes, Digby”.⁷ No entanto, sob este fundo comum – que dá sentido aos “combates” que Thomasius e a sua geração travaram e a que faremos referência mais abaixo –, desenvolve-se uma discussão, cujo grau de polemicidade é acrescido pela dinâmica interna do pensar leibniziano no seu trânsito acelerado para o campo dos modernos. Não obstante o carácter incipiente da sua elaboração doutrinal, importa assinalar a procura leibniziana de uma via original da modernidade, que integra o antigo como sua dimensão intrínseca. É esse o critério que permite distinguir a verdadeira reforma da filosofia, por oposição à estúpida e à temerária.⁸ A reforma filosófica é uma exigência intelectual assumida nos meios académicos alemães aquando da correspondência entre Leibniz e Thomasius,⁹ que adere expressamente a este movimento reformador.¹⁰ No entanto, a valorização e a inteligibilidade recíproca entre antigo e moderno variam imenso no círculo dos reformadores filosóficos.
- 4 A articulação entre antigo e moderno é uma constante da procura filosófica de Leibniz e um ponto sensível da sua evolução intelectual. No curto espaço de seis meses, entre Outubro de 1668 e Abril de 1669, que correspondem às datas das cartas IV e VI, Leibniz altera profundamente o modo de conceber a articulação entre antigos e modernos: o esforço de equiparação entre uns e outros dá lugar a uma adesão explícita à ciência moderna, que se sobrepõe à antiga e a elucida. Na carta IV, os conceitos e teses nucleares são modernas, mas, ressaltando a definição mecanicista do corpo, há o intento deliberado de evidenciar a sua afinidade com a inteligibilidade aristotélica: “Com estas premissas podem admitir-se simultaneamente todos os termos empregues pelos antigos e as considerações dos modernos. Efectivamente, não é absurdo chamar forma substancial à figura íntima das partes”.¹¹ O argumento forte desta carta é o de que as descobertas dos modernos se fundam em princípios aristotélicos no que respeita ao modo de conceber a ciência e seu objecto, à explicação do movimento e seu fundamento teológico-metafísico

na doutrina do primeiro motor imóvel, justificando plenamente a asserção de Cristia Mercer segundo a qual a filosofia reformada era “a philosophy that places the mechanical philosophy on firm Aristotelian foundations”.¹² Contudo, a expectativa de Leibniz é a de que o avanço da reforma em elaboração provirá dos contributos recentes de ingleses, franceses e alemães para o desenvolvimento das ciências, daí a conclusão: “Se as coisas continuarem assim, em breve dispostemos de uma filosofia reformada para uso do género humano”.¹³ O intento de equiparar antigos e modernos é acompanhado de uma inflexão para o lado dos modernos.

- 5 Thomasius é muito crítico no que respeita à interpretação de Aristóteles e ao tipo de acordo proposto por Leibniz. Os termos da conciliação proposta não são convincentes porque não respeitam o espírito do verdadeiro aristotelismo. O desejo genuíno de conciliação não é tudo, já que o assentimento das partes envolvidas pressupõe o estudo dos tópicos respectivos de cada uma das filosofias. Efectivamente, o uso do léxico de Aristóteles, nomeadamente da forma substancial, deve ser acompanhado da indagação do sentido que o Filósofo atribui a esse termo: “Quanto à tua opinião, inspirada na autoridade de Raey, de que Aristóteles não expõe ideias assim tão diferentes das de Descartes e dos outros filósofos novos, desculpa, mas ainda não me persuadiste. Reconheço que algumas das suas teses e fórmulas são de molde a fornecer alguma esperança de concórdia aos que gostam da conciliação. Mas receio que esse não seja um género de paz que possa ser ratificado com pleno assentimento do próprio Aristóteles, se quisermos sondar o espírito do Filósofo algo mais profundamente.”¹⁴ Acresce que há teses abusivamente atribuídas a Aristóteles, por exemplo, a respeito do estatuto da geometria¹⁵ e da causalidade do movimento.¹⁶ Em tom professoral, Thomasius elucida o pensamento aristotélico sobre a ciência e em especial sobre as formas substanciais.
- 6 A concluir a sua missiva, Thomasius toma posição em relação aos modernos, afirmando a sua preferência pelo cartesiano Johann Clauberg (1622-1665), primeiro Reitor da Universidade de Duisbourg, em face do próprio Descartes. E solicita a opinião, decerto mais esclarecida, de Leibniz a este respeito: “Tive ocasião, nestes últimos meses, de compulsar Descartes e Clauberg. Digo-te abertamente que Clauberg me agradava mais do que o próprio Descartes, tanto pela sua maneira de conservar a pena longe da maledicência como porque ele aprendeu a escrever μεθοδικώτερον e σαφέστερον e também mais concisamente do que o seu famoso mestre. Mas eu gostaria igualmente de conhecer a tua opinião a este respeito, já que, segundo penso, tu estás mais familiarizado com os filósofos cartesianos”.¹⁷
- 7 Leibniz responde no mesmo tom assertivo. Reconhece a competência do seu Mestre na história da filosofia,¹⁸ convidando-o a prosseguir a sua tarefa até “à nossa época”, de modo a contribuir para a formação do juízo da “nossa juventude irreflectida”, através de uma justa avaliação do contributo científico dos modernos,¹⁹ e, de imediato, passa à ofensiva. Com toda a frontalidade, temperada pela ressalva de que aquilo que realmente aprecia em Descartes é o método, Leibniz proclama a sua adesão aos modernos na versão emblemática do cartesianismo: “[...] confesso que sou nada menos do que cartesiano. Defendo que a regra comum a todos estes [Verulamio, Gassendi, Hobbes, Digby, Cornelis van Hoghelande, etc.] restauradores da filosofia é não explicar nada nos corpos senão por meio da grandeza, figura e movimento. Aquilo de que eu gosto em Descartes é unicamente a proposta do seu método.”²⁰ Em plena coerência filosófica, Leibniz afirma a compatibilidade da “regra comum” dos modernos com as doutrinas aristotélicas, que prefere às cartesianas.²¹ Divergindo de Thomasius, o nosso Filósofo reafirma a

compatibilidade entre aristotelismo e ciência moderna: “E é assim que se vai, por esse mesmo facto, ultrapassar as objecções mediante as quais, muito ilustre espírito, defendeis que Aristóteles não pode ser reconciliado”.²² O novo instaurador da modernidade proclama a certeza das razões de Aristóteles sobre questões fundamentais,²³ e bem assim que “a natureza das coisas parece poder explicar-se das duas maneiras” (*vtroque modo rerum natura explicari posse videtur*).²⁴ Mas o ponto fundamental diz respeito à exigência de conciliação e ao critério de validação e ordenação das duas hipóteses explicativas em presença.

- 8 Num exercício de radicalidade, Leibniz defende não só a possibilidade de conciliação entre aristotelismo e mecanicismo, identificado com a “regra comum” da ciência moderna, mas também a necessidade de a realizar, em virtude da sua inteligibilidade recíproca.²⁵ A verdadeira reforma da filosofia não pode prescindir da referência matricial a Aristóteles, porquanto a continuidade é, por si mesma, um indício de verdade. Em todo o caso, a conciliação não é um fim em si mesma, pelo que se torna necessário estabelecer um critério que permita ordenar reciprocamente as duas hipóteses concorrentes. Tal critério é a inteligibilidade e clareza. Ora, neste ponto decisivo, a vantagem vai para os modernos, já que todos os princípios aristotélicos podem ser explicados mecanicamente, isto é, em termos de grandeza, figura e movimento, ao passo que a inversa não é verdadeira: “Pois, embora ambas as explicações, a dos escolásticos e dos mais recentes, fossem possíveis, dentre duas hipóteses possíveis, deve escolher-se sempre a mais clara e mais inteligível, que é indubitavelmente a dos mais recentes (...)”.²⁶ Por conseguinte, a tarefa da reforma leibniziana é a de evidenciar a verdade da nova filosofia da natureza correctamente entendida: “Agora que a filosofia reformada já está conciliada com Aristóteles, resta mostrar a verdade intrínseca da mesma”.²⁷ O ponto fulcral é a constituição de um saber novo, solidamente firmado e apto a responder às objecções que possam colocar-se. Trata-se de uma exigência do tempo histórico já que “a emergência inevitável da própria filosofia reformada deve ser alcançada proximamente (*reformatae ipsius philosophiae inevitabilis eventus breviter attingendum est*)”.²⁸ Reside aí, sem dúvida, o esforço leibniziano.
- 9 Thomasius demarca-se do ímpeto controversial do jovem Filósofo, “porquanto me chamas a um combate absolutamente inusitado para mim” (*cum in proelium me voces plane insuetum mihi*).²⁹ Fá-lo, no entanto, em termos tais que são um estímulo a que Leibniz prossiga o seu caminho, enveredando pela via dos modernos. Efectivamente, Thomasius apresenta dois argumentos para desistir do combate: seria uma luta desigual, já que é reconhecida ao ex-aluno uma competência matemática que o mestre assumidamente não tem;³⁰ a tarefa dos jovens pensadores é a de contribuir para o florescimento do saber, aproveitando uma paz dos espíritos, que a geração de Thomasius não teve a felicidade de fruir: “Além disso, és de longe mais feliz do que eu, tu cuja primeira infância acontece no momento em que todos os combates estão praticamente acabados, ao passo que eu passei toda a minha juventude nos últimos tempos de uma idade bárbara, donde me contentei em sair pouco a pouco de certa maneira, para tirar algum proveito da erudição”.³¹ Em registos distintos, os dois interlocutores estão de acordo sobre a urgência histórica de firmar em bases sólidas uma forma abrangente de modernidade.
- 10 A partir daqui, a troca epistolar mantém-se a bom ritmo, cessando por ocasião da estadia de Leibniz em Paris (1672-1676). A carta de Leibniz, de final de Janeiro de 1672, ficará sem resposta.

- 11 As cartas VIII a XVI, de Novembro de 1669 e Janeiro de 1672, respectivamente, são exemplares pela elegância do trato, pautado pelo reconhecimento mútuo. O esforço de cada um dos interlocutores para valorizar o trabalho do outro é tanto mais notável quanto nenhum deles prescinde de afirmar o que pensa e de assumir divergências e críticas. A discussão mais interessante (cartas VIII, IX e X) ocorre a propósito do projecto de edição levado a cabo por Leibniz da obra de Nizolius *De veris principiis et vera ratione philosophandi*, que Leibniz assume como exemplar do estilo próprio da filosofia, em contraposição com a linguagem “bárbara” e equívoca dos escolásticos. Thomasius assume uma perspectiva conciliadora a este respeito³² e elucida Leibniz acerca da controvérsia que envolveu Nizolius, Coelius Calcagninus, Maioragius e Grifolus. Apesar das posições divergentes dos dois interlocutores, Leibniz insiste com Thomasius para que este elabore uma crítica ao seu prefácio à obra de Nizolius: “Se algo te desagrade ou te parece expresso com excessiva liberdade, peço-te que me digas e me corrijas”.³³
- 12 Da parte de Thomasius, merecem especial referência os seus *Diálogos físicos*,³⁴ que Leibniz valoriza,³⁵ e o seu envolvimento na controvérsia acerca da erudição das mulheres, isto é, sobre a legitimidade e a vantagem de as mulheres frequentarem a escola pública. O respeitável Professor toma posição inequívoca a favor da “erudição” das mulheres: “Foi o que me levou a crer que o desprezo do sexo feminino, de que está cheio o escrito que ele [“alguém que se esconde por detrás do nome Poliandinus”] opôs ao de Schütze, não tem outra fonte senão o hábito de julgar as mulheres unicamente segundo o desregramento das prostitutas, que recolhem como penicos os vis humores do homem impuro”.³⁶
- 13 No que respeita a Leibniz, é de realçar a crítica ao abandono das causas finais pelos modernos,³⁷ o estado incipiente da ciência moderna, eminentemente conjectural, apelando à exigência de fundamentação, a adesão à hipótese copernicana: “Não duvido absolutamente nada da verdade da hipótese de Copérnico”.³⁸ É ainda de registar o juízo negativo de Leibniz a respeito do *Leviathan* de Thomas Hobbes, cujo título indicia o carácter monstruoso (*monstruoso*) da obra,³⁹ bem como a respeito de Espinosa, denunciando “a monstruosidade das suas opiniões” (*opinionum monstra*).⁴⁰

Inteligibilidade geométrica e formas substanciais

- 14 Ao mesmo tempo que incentiva Leibniz a seguir o seu próprio caminho, Thomasius faz-lhe uma pergunta incómoda sobre “como deve ser corrigida a tua *Confessio naturae contra atheistas*, que o ilustre Spizel editou”,⁴¹ sem o consentimento expresso do autor em 1668.⁴² Leibniz não responde e este silêncio é revelador. De facto, este escrito é de algum modo emblemático da compreensão que, naquele preciso momento, Leibniz tem da sua tarefa e que, como acabámos de ver, consiste em evidenciar a verdade intrínseca da filosofia reformada. Ora, é isso que Leibniz faz neste opúsculo: assume a concepção mecânica do universo, mas inscreve-a numa visão religiosa do universo e introduz uma questão estranha à inteligibilidade mecanicista, a saber, a da determinação do corpo físico enquanto tal ou tal corpo, dotado de algum tipo e grau de individualidade: “Do limite do espaço nasce no corpo a grandeza e a figura. Efectivamente, o corpo tem imediatamente a mesma grandeza e figura que o espaço que preenche. Mas resta a dúvida porque é que preenche tal e tal espaço de preferência a outro e porque é que ele é, por exemplo, trípede e não bípede, e quadrado em vez de redondo. A razão disto não pode ser dada com base na natureza dos corpos, já que a mesma matéria é indeterminada para uma certa figura seja quadrada seja redonda.”⁴³

- 15 A originalidade da reforma leibniziana está no reconhecimento da insuficiência de uma inteligibilidade estritamente geométrica: a filosofia natural não pode prescindir de uma dimensão qualitativa. Na correspondência com Thomasius, a introdução do qualitativo na concepção geométrica da natureza é feita através da *forma substancial*, que é o tópico mais relevante desta correspondência e que Leibniz retomará sucessivamente ao longo da sua vida pensante.
- 16 Se bem que redigida antes da adesão expressa de Leibniz à racionalidade cartesiana, a carta IV, de Outubro de 1668, apresenta um quadro geral típico do cartesianismo. Desde logo, é reconhecido o lugar cimeiro da matemática no âmbito da filosofia natural: ela é “a ciência mais perfeita, a seguir à metafísica” (*post Metaphysicam perfectissima scientiarum*),⁴⁴ certamente pelo seu grau de clareza, rigor, inteligibilidade. Ora, tal perfeição implica a eminência do seu objecto, que só poderá ser uma verdadeira realidade, isto é, uma substância: “O próprio Aristóteles admitiu que τὰ μαθηματικά, quer dizer, o espaço ou a sua determinação, a figura, é uma substância”.⁴⁵
- 17 As dificuldades da posição leibniziana sobre a substancialidade do espaço e do corpo, entendido como um extenso com uma figura determinada, são muito prementes, se tivermos em conta a evolução do autor e a sua filosofia da maturidade, em que a extensão é uma noção abstracta e ideal, que se forma a partir da consideração da multiplicidade das coisas extensas.⁴⁶ Ora, nesta carta, de Outubro de 1668, temos a afirmação do carácter originário da noção de espaço e da sua primazia ontológica sobre o corpo extenso: “Ademais, o espaço é uma coisa por assim dizer mais substancial do que o próprio corpo. Pois, uma vez suprimido o corpo, permanece o espaço e a sua dimensão, o que se chama o vazio, se nenhum outro vier ocupar o seu lugar, ao passo que suprimido o espaço, não resta corpo algum”.⁴⁷ Esta formulação pressupõe uma noção de substância como substracto permanente, homogéneo e indiferenciado, que subjaz à determinação de tal ou tal corpo. Daí que o espaço puro, enquanto tal, seja identificado com o vazio. Há aqui um claro primado ontológico e gnosiológico do geral sobre o particular. Ao mesmo tempo, Leibniz, em concordância com a tese da substancialidade do ser individual, inscreve a forma no cerne do corpo como seu princípio distintivo, que faz do corpo *um corpo*, dotado de qualidades próprias: “E não é absurdo chamar forma substancial à figura íntima das partes, já que nada, nas coisas corporais, se pode alcançar pelo pensamento que seja anterior à figura, mais simples e mais abstraída da matéria”.⁴⁸
- 18 É clara a intenção leibniziana de não hipostasiar a forma substancial, fazendo dela uma entidade distinta e separada, à maneira escolástica – “não sei que formas substanciais incorpóreas e como que espirituais” (*nescio quas formas substantiales incorporeas, ac quasi spirituales*)⁴⁹ –, mas a sua identificação com a figura corre o risco de lhe retirar a dimensão qualitativa e o seu carácter principal, não sendo surpreendente que Leibniz admita a divisibilidade da forma e a reduza a um mero arranjo das partes de um todo, desprovido de significação e realidade próprias: “Daqui resulta evidentemente que a forma é divisível e que o todo se produz na sua totalidade no momento, é a fonte das afecções ou das qualidades sensíveis”.⁵⁰
- 19 O questionamento de Thomasius vai ao cerne da questão: forma substancial e figura são noções heterogéneas e o próprio Aristóteles admitiu formas substanciais, distintas das formas acidentais, figura, grandeza, disposição das partes;⁵¹ no caso específico do homem, haverá quem não admita uma forma substancial distinta da figura? “O quê? Deixo finalmente de lado Aristóteles e, pelo nosso lado, vamos deixar-nos levar ao ponto de negar que a própria forma do homem (falo daquela que é informante) seja, também ela,

uma substância distinta da figura? Não sei se algum dos novos filósofos terá estabelecido isso.”⁵²

- 20 Na carta VI, (30. 04. 1669), aquela em que Leibniz proclama a sua adesão ao cartesianismo, o autor reformula a noção de forma, defendendo expressamente a sua indivisibilidade: “É o que permite igualmente ver porque é que a forma substancial consiste num indivisível e não admite mais nem menos. Pois, também a forma não admite o mais ou o menos. Embora um círculo possa, efectivamente, ser maior do que um outro, não obstante não há círculo que seja mais círculo do que um outro, pois a essência de um círculo consiste na igualdade das linhas tiradas do centro para a circunferência. Ora, a igualdade consiste num indivisível e não admite mais nem menos.”⁵³ Indo de encontro ao questionamento de Thomasius, Leibniz coloca em termos lapidares a questão da forma substancial: “Quem poderia não admitir a forma substancial, pela qual a substância de um corpo individual difere da substância de outro corpo?”⁵⁴ A forma é distintiva, mas, uma vez mais, ela é identificada com a figura,⁵⁵ que participa da substancialidade do espaço.⁵⁶
- 21 Correspondendo a uma sugestão de Thomasius,⁵⁷ Leibniz assume a teoria da educação, segundo a qual a forma é extraída da potência da matéria: “Nós diremos que [as formas] nascem da potência da matéria” (*Nos dicemus, oriri ex potentia materiae*).⁵⁸ Neste quadro, a matéria prima é o substracto primordial: “nada mais verdadeiro do que a matéria prima” (*Materia prima nihil verius*).⁵⁹ Ora, a matéria é inteiramente passiva e, conseqüentemente, está intrinsecamente disposta à forma, como seu princípio de diferenciação. Dado que a forma não é originária, Leibniz indaga a génese das formas.
- 22 Num procedimento rigoroso a génese das formas não tem nada de intrincado. Trata-se de um processo inteligível porque todo ele mecanicamente explicável, ou seja, através do movimento. A própria receptividade da forma pela matéria é concebida como movimento: “Toda a disposição para a forma é movimento”.⁶⁰ Ora, o movimento é de ordem fenomenal e, portanto, requer a acção de uma verdadeira substância. Daí a tese de que *a causa eficiente do movimento é o espírito* e, no limite, o próprio Deus, justamente reconhecido por Aristóteles como o Primeiro Motor: “Porque, se o corpo é apenas matéria e figura e se a figura e a matéria nos não dão a causa do movimento, é preciso necessariamente que a causa do movimento seja exterior ao corpo. Como, fora dos corpos, só há espíritos, o espírito será a causa do movimento. Ora, o espírito que dirige tudo é Deus.”⁶¹
- 23 A dualidade entre espírito e matéria elucida a correlação entre acção e paixão no seio da natureza material. O corpo é destituído de *conatus* e reduzido a qualquer coisa de efémero e instantâneo: ele só existe na qualidade de móvel activado pelo espírito e carece de efectividade no intervalo entre movimentos, que não constituem uma duração: “Pelo contrário, eu demonstrei que tudo o que se move é o resultado de uma criação contínua e que os corpos são qualquer coisa em cada instante do movimento que pode ser-lhes atribuído, mas não são nada em nenhum momento situado entre os instantes do movimento que pode ser-lhes atribuído”.⁶² Assim, a figuração do corpo como *mens momentanea*, na *Theoria motus abstracti* (1671), é inteiramente coerente com a filosofia natural envolvida na correspondência com Thomasius: “Efectivamente, todo o corpo é um espírito momentâneo ou que carece de recordação (...)”.⁶³ O mecanicismo revela-se solidário de uma metafísica espiritualista.

Conclusão

- 24 Na correspondência com Thomasius, Leibniz assume o projecto de uma ciência geométrica da natureza entendida como o relógio do mundo (*horologium mundi*), operando do modo mais regrado e preciso, segundo o paradigma mecanicista.⁶⁴ No entanto, o mecanicismo revela-se filosoficamente insatisfatório porque não atende à dimensão individual e qualitativa, afasta a finalidade e a beleza do universo. Daí a necessidade de uma nova física, que não se reduza à geometria: “O mesmo pensamento se encontra nos físicos modernos, que, na busca das causas materiais, negligenciam as causas racionais da realidade, ao passo que, se a sabedoria do criador resplandece algures em todo o seu esplendor, é justamente no facto de ter regulado o relógio do mundo de tal maneira que tudo, no seguimento, como sob o efeito de uma certa necessidade, conspira para a mais elevada harmonia do conjunto. Por conseguinte, precisamos de filósofos naturais que não só apliquem a geometria à física (pois a causa final faz falta na geometria) mas também dêem prova de uma certa ciência civil na ciência natural”.⁶⁵
- 25 A via leibniziana da modernidade é mais complexa e mais exigente do que o mecanicismo vulgar, acompanhando-se da consciência do carácter hipotético das teorias modernas e, correlativamente, da exigência de ir mais longe no esforço de fundamentação. A pretensão de verdade inerente aos sistemas de filosofia natural, sejam eles globais ou locais, deve ser confrontada com o valor das provas que os sustentam. Ora, no crivo leibniziano, a generalidade das teorias sobre questões naturais são meras hipóteses, a começar pela sua própria teoria do movimento abstracto, cuja apresentação a Thomasius remata assim: “Tudo não passa de hipóteses, como a maioria das teorias sobre questões naturais”.⁶⁶ É esse também o estatuto da teoria copernicana, a que Leibniz adere, porque, melhor do que a geocêntrica, esta permite dar razão do carácter artificioso da natureza, dos fenómenos prodigiosos que nela entram: “A grande vantagem é que esta hipótese pode dar conta da maior parte dos milagres naturais, onde as maiores coisas se realizam por intermédio das mais pequenas”.⁶⁷ Trata-se de uma hipótese luminosa, como são as hipóteses modernas quando comparadas com a superfluidade das antigas: “Do que foi dito resulta que as hipóteses da filosofia reformada prevalecem sobre as hipóteses escolásticas pelo facto de que não são supérfluas mas luminosas”.⁶⁸ Uma hipótese luminosa é certamente uma hipótese bem fundada, que modifica o olhar sobre os fenómenos e alarga o campo do visível, que se constitui como uma tarefa indeclinável.
- 26 A correspondência com Thomasius não permite antecipar o contributo de Leibniz para a construção da ciência e da filosofia modernas, mas deixa entrever o *modus operandi* do autor, em que a inovação significa a passagem a uma escala de inteligibilidade mais ampla, que integra e exprime o saber legado pela tradição.

NOTES

1. Leibniz, *Disputatio metaphysica de principio individui*, § 4, GP IV, p. 18. Acerca da posição matricial de Suárez, vide Suárez, F., *Disputationes Metaphysicae*, disputação V, em especial a secção V, § 7.
2. Acerca deste tópico, cf. Cardoso, Adelino, *O trabalho da mediação no pensamento leibniziano*, Lisboa, Edições Colibri, 2005, pp. 46-56.
3. *Disputatio*, § 26, GP IV, p. 26.
4. *Disputatio*, § 10, GP IV, p. 20.
5. Segundo Gehhardt, que remete para manuscritos de Thomasius, esta carta seria a resposta à interpelação de Thomasius acerca da paradoxal afirmação de Anaxágoras de que a neve é negra (cf. GP I, p. 8).
6. Bodéüs avança a hipótese de que também esta carta responde a uma pergunta de Thomasius (cf. *Leibniz – Thomasius Correspondance*, texte établi, traduit, annoté et commenté par Richard Bodéüs, Paris, Vrin, 1993, p. 53).
7. “Satis ostendit Raey in clave philosophiae naturalis, tenebras Aristotelis a scholastico fumo esse, Aristotelem ipsum Galilaeo, Bacono, Gassendo, Hobbesio, Cartesio, Digbaeo mire conformari.” (A II 1, p. 10).
8. “Orta luce, philosophia reformata triplex est: alia stolidi, qualis Paracelsi, Helmontii, aliorumque, Aristotelem prorsus reiicientium; alia audax, quae exígua veterum cura, immo contemptu eorum palam habito, bonas etiam meditationes suas reddunt, talis Cartesii; alia vera, quibus Aristoteles vir magnus, et in plerisque verus cognoscitur.” (A II 1, p. 21).
9. “By the middle of the century there had evolved throughout Europe, and especially in the Protestant areas of the north, a group of eclectics whose members sometimes referred to themselves as the *reformers* [*reformatores*] and their philosophy as reformed philosophy [*philosophia reformatata* or *philosophia emendata*].” (Mercer, Cristia, “Leibniz and His Master. The Correspondence with Jacob Thomasius”, in Lodge, Paul, *Leibniz and His Correspondents*, Cambridge University Press, 2004, p. 17).
10. A exigência de uma *reformatio* do aristotelismo é expressamente defendida pelo mestre de Leibniz. Cf. Thomasius, Jacob, *Dissertationes LXIII, Varii argumenti magnam partem ad historiam philosophicam et ecclesiasticam pertinentes*, ed. C. Thomasius, Halle-Magdebourg, 1993, p. 440.
11. “His ita positus, possunt simul et omnes veterum termini, et recentiorum contemplationes tolerari. Neque enim absurdum est, intimam partium figuram dici formam substantialem (...)”. (A II 1, p. 11).
12. Mercer, Cristia, “The vitality and importance of early Modern Aristotelianism”, in Sorell, T., *The rise of Modern philosophy*, Oxford, Clarendon Press, 1993, p. 64.
13. “Si ita pergatur, habebimus propediem philosophiam ad vsum generis humani reformatam.” (A II 1, p. 10).
14. “Quod Aristotelem, Raeyi auctoritate inductus, arbitraris, a Cartesio, ceterisque philosophis nouis non adeo dissidere, ignosce Mihi, nondum persuades. Agnosco dogmata eius quaedam, loquendique modos eiusmodi esse, vt conciliare volentibus faciant aliquam spem concordiae, sed vereor, vt illa pax queat ipso satis volente sanciri, si quidem mentem philosophi paulo penitius rimemur.” (A II 1, p. 12).
15. “Vbi autem Geometriam scientiis perfectis, ubi figuram, Geometriae objectum, substantiis annumeret, fateor me ignorare.” (A II 1, p. 12).

16. “Quod autem caussaris, admistis substantialibus formis illis, quae caussae sint motus, perire nobis pulcherrimam scalam, qua Aristoteles ad primum ascendit motorem, me non mouet.” (*Ibid.*, p. 13).
17. “Superioribus mensibus occasio erat mihi, et Cartesii et Claubergii euoluendi. Narro tibi, Claubergius magis mihi placebat Cartesio, tum quod calamum a maledicentia abductum haberet, tum quod et μεθοδικώτερον et σαφέστερον, et breuius quoque magistro illo suo scribere didicisset. Sed hac de re velim et tuam sententiam, quem puto Cartesianis Philosophis magis consueuisse, cognoscere.» (A II 1, pp. 13-14).
18. Leibniz atribui ao seu Mestre uma compreensão nova e mais adequada da história da filosofia como processo coerente de desenvolvimento do pensar, por oposição a uma história doxográfica ou mesmo biográfica: “Tu vais dar-nos uma história da filosofia e não dos filósofos (*Tu non Philosophorum, sed philosophiae historiam dabis.*” (Leibniz a Thomasius, 20 / 30. 04. 1669, A II 1, p. 14).
19. “Utinam vero ad recentiore hanc aetatem stilum filumque producas, et admoneas inconsultam iuventutem mostram, neque omnia, neque nihil novatoribus tribuenda esse (...)” (A II 1, p. 14).
20. “[...] me fateor nihil minus quam Cartesianum esse. Regulam illam omnibus istis philosophiae Restauratoribus communem teneo, nihil explicandum in corporibus, nisi per magnitudinem, figuram et motum. In Cartesio eius methodi tantum propositum amo [...]” (*Ibid.*, p. 15).
21. *Ibid.*
22. “Qua ratione illis ipso facto occurreret, quae tu, Vir clarissime Aristotele irreconciliabili disputas.” (A II 1, p. 15).
23. “Quae Aristoteles enim de materia, forma, priuatione, natura, loco, infinito, tempore, motu, ratiocinatur, pleraque certa et demonstrata sunt (...)” (*Ibid.*).
24. *Ibid.*
25. “Qua in re duplici rursus ratione versari licet. Nam vel ostenditur Philosophiam Reformatam Aristotelicae conciliari posse, et adversam non esse; vel alterius ostenditur alteram per alteram explicari non solum posse, sed et debere (...)” (A II 1, p. 16).
26. “Nam etsi utraque explicatio et scholasticorum et recentiorum esset possibilis, ex duabus tamen possibilibus Hypothesibus sempre eligenda est clarior et intelligibilior, qualis haud dubie est hypothesis recentiorum (...)” (A II 1, p. 16).
27. “Nunc conciliata jam cum Aristotele filosofia reformata, restat, ipsius per se veritas ostendatur.” (A II 1, p. 21).
28. *Ibid.*
29. A II 1, p. 25.
30. “Sed verum vt fatear, nescio, si rationes computo meas, sitne consultum mihi, hoc in campo tecum congregari, in quo non sum ita ego versatus, vt paria tecum audeam facere, praesertim cum res ipsa non mediocre requirat artium mathematicarum peritiam, in quibus desipiam, si tecum congregari.” (A II 1, p. 25).
31. “Adde, quo longe tu me es felicitior, cuius vernantissima aetas in ea incidit tempora, in quibus prope debellatum foret: mea contra iuuentus omnis consumpta est in illis aevi barbari reliquiis, e quibus vtcunque paullatim emersisse satis habui ad qualemcunque eruditionis profectum.” (*Ibid.*).
32. “Ego nec Technica scholarum, nec a vulgi vsu repetita Ciceronis, dummodo Lector, quid dicatur, intelligat.” (Thomasius a Leibniz, 22. 11. 1669, A II 1, p. 28).
33. “Si quid in prefatione mea displicet, aut liberius dictum videtur, id vt moneas, atque emendes, etiam atque etiam rogo.” (Leibniz a Thomasius, 6/16. 04. 1670, A II 1, p. 36).
34. Thomasius, J., *Physica perpetuo Dialogo, suis tamen capitibus interciso, sic adornata, ut Scientia naturalis non tantum definiendo ac dividendo, sed etiam...*, Leipzig, 1670.
35. A II 1, p. 73.

36. “Quae me res mouit, vt crederem, feminei sexus dedignationem, qua plenum est scriptum eius, Schütziانو oppositum, non ex alio fonte proficisci, quam quod feminas non aliunde aestimaret, quam ex eo abusu, quo scorta impuri hominis humores foedos matularum instar excipiunt.” (Thomasius a Leibniz, 7. 01.1671, A II 1, p. 76).
37. Na carta XIII, de 19/29 de Dezembro, de 1670, Leibniz insiste na consideração das causas finais não só na física, mas também na geometria (A II 1, p. 73).
38. “Nihil dubito de veritate hypotheseos Copernicanae” (Leibniz a Thomasius, início de Maio, 1671, A II 1, p. 96).
39. Leibniz a Thomasius, 23. 09. 1670, A II 1, p. 66.
40. Leibniz a Thomasius, 21/31. 01. 1672, A II 1, p. 205.
41. “Magis me tibi deuincies, si per te cognouero, quemadmodum illa tua confessio naturae contra Atheistas, quam Cl. Spizelius edidit, emendanda sit.” (Thomasius a Leibniz, 6. 05. 1669, A II 1, p. 25).
42. Dentre os estudos sobre a *Confessio naturae contra atheistas*, julgo particularmente esclarecedor o de Nunziante, Antonio-Maria, *Organismo come Armonia. La Genesi del Concetto di Organismo Vivente in G. W. Leibniz*, Trento, Verifiche, 2002, pp. 28-35.
43. “Ex spatii termino noritur in corpore magnitudo et figura. Corpus enim eandem statim magnitudinem et figuram habet cum spatio quod implet. Sed restat dubium cur tantum potius tale et tale spatium impleat, quam aliud, et ita cur exempli causa sit potius tripedale quam bipedale, et cur quadratum potius quam rotundum. Cujus ratio ex corporum natura reddi non potest, eadem enim materia ad quamcunque figuram sive quadratam sive rotundam indeterminata est.” (Leibniz, *Confessio naturae contra atheistas*, GP IV, p. 106).
44. Leibniz a Thomasius, 26. 09. 1668, A II 1, p. 11.
45. «Ipsē Aristoteles τὰ μαθηματικά, i. e. spatium, seu determinationem eius, figuram, substantiam esse admisit” (*Ibid.*).
46. Trata-se de uma tese recorrente, que Leibniz afirma com especial vigor na correspondência com De Volder, nomeadamente na carta de 23. 06. 1699: “Nec putem extensionis conceptum esse primitivum seu cui nihil detrahi possit, cum resolvatur in pluralitatem, quam communem habet cum numero (...)”. (GP II, p. 183).
47. “Immo spatium ispo pene corpore est substantialius. Nam sublato corpore manet spatium et dimensio eius, quod nullo alio corpore succedente vacuum dicitur, non contra sublato spatio manet corpus.” (Leibniz a Thomasius, 26. 09. 1668, A II 1, p. 11).
48. “Neque enim absurdum est, intimam partium figuram dici formam substantialem: nihil enim in rebus corporeis figura prius, simplicius, et a matéria abstractius cogitando consequi licet.” (Leibniz a Thomasius, 26. 09. 1668, A II 1, p. 11).
49. *Ibid.*
50. “Hinc et patet, formam esse divisibilem, et totum in toto, produci in momento, esse fontem affectionum, seu qualitatū sensibilibium.” (Leibniz a Thomasius, 6. 10. 1668, A II 1, p. 11).
51. “Substantiales utique formas, aut saltem ab accidentalibus illis, figura, magnitudine, partium dispositione distinctas, agnouisse Aristotelem credo.” (Thomasius a Leibniz, 2(12). 10. 1668, A II 1, p. 12).
52. “Quid? omitto Aristotelem, eone tandem impelli nos patiemur, ut ipsam quoque hominis formam, de informante loquor, substantiam a figura distinctam esse negemus? Quod nescio, an ullus nouorum philosophorum statuerit.” (Thomasius a Leibniz, 2 (12). 1668, A II 1, p.13).
53. “Ex his etiam patet, cur forma substantialis consistat in indivisibili, nec recipiat magis aut minus. Etsi enim circulus circulo sit maior, non tamen est circulus altero magis circulus, nam circuli essentia consistit in aequalitate linearum a centro ad circumferentiam ductarum, iam aequalitas consistit in indivisibili, nec recipit magis aut minus.” (A II 1, p. 18).
54. “Formam quoque substantialem nempe, id quo substantia corporis vnus a substantia alterius corporis differt, quis non admittat?” (A II 1, p. 15).

55. "Hic si formam supponamus nihil aliud esse quam figuram, rursus omnia mire conuenient." (A II, I, p. 16).
56. "Caeterum figuram esse substantiam, aut potius spatium esse substantiam, figuram esse quiddam substantiale, probauerim, quia omnis scientia sit de substantia, Geometria autem quin scientia sit negari non possit." (A II 1, p. 19).
57. "Ideas rerum, h. e. formas earum substantiales agnoscebat Plato: easdem et Aristoteles: sed ille volebat eas esse in Deo vel primo, vel secundo, Aristoteles ipsi immersas materiae creditit, unde nata ipsi phrasis, e potentia matéria educi formas." (Thomasius a Leibniz, 2 (12) 10. 1668, A, II 1, p. 13).
58. A II 1, p. 17.
59. A II 1, p. 15.
60. "Ex quo patet, omnem dispositionem ad formam esse motum (...)" (Leibniz a Thomasius, 20/30. 04. 1669, A II 1, p. 17).
61. "Quum enim corpus nihil aliud sit, quam materia et figura, et vero nec ex materia nec figura intelligi possit causa motus necesse est, causam motus esse extra corpus. Quumque extra corpus nihil sit cogitabile, praeter ens cogitans, seu mentem, erit mens causa motus. Mens autem universi reatrix est Deus." (Leibniz a Thomasius, A II 1, p. 11).
62. "Unde proprie loquendo non datur motus in corporibus, tamquam ens in iis reale, sed a me demonstratum est, quicquid mouetur, continuo creari, et corpora quolibet instanti in motu assignabili esse aliquid, quolibet tempore inter instantia medio in motu assignabili esse nihil." (Leibniz a Thomasius, 20/30. 04.1669, A II 1, p. 23).
63. "Omne enim corpus est mens momentanea, seu carens recordatione (...)" (Leibniz, *Theoria motus abstracti*, GP IV, p. 230).
64. Acerca desta metáfora do relógio do mundo, cf. Nunziante, *Op. cit.*, pp. 35-50.
65. "Par est physicorum recentium ratio, qui causas materiales rerum quaerentes, rationales negligunt, cum tamen in eo potissimum eluceat sapientia auctoris, ita instituisse horologium mundi, vt cuncta deinde, velut necessitate quadam ad summam omnium harmoniam consequerentur. Opus est igitur philosophis naturalibus, qui non geometriam tantum inferant physicis (geometria enim caret causa finali), sed et quandam ciuilem scientiam in natural exhibeant." (Leibniz a Thomasius, 19/29. 12. 1670, A II 1, p. 73).
66. "Totum tamen hypothesis est, ut in naturalibus pleraque, sed qua nescio, an habuerimus hactenus leuiorem ac faciliorem." (*Ibid.*, p. 74).
67. "Potissimum est, quod ex hac hypothesis ratio reddi potest plerorumque miraculorum naturalium, quibus res maximae per mínima geruntur (...)" (Leibniz a Thomasius, 19/29. 12. 1670, A II 1, p. 96).
68. "Ex his patet, hypotheses philosophiae reformatae Hypothesibus Scholasticis praeualere, quod non superfluae, contra tamen clae sunt." (Leibniz a Thomasius, 30. 04.1669, A II 1, p. 23).

ABSTRACTS

Leibniz desenvolve uma intensa actividade filosófico-científica ao longo de um período de mais de cinquenta anos, na procura de uma via da modernidade mais complexa do que o mecanicismo vulgar, que reduz significativamente o campo do saber. A correspondência com Jacob Thomasius, seu professor mais influente, permitiu ao jovem Filósofo uma cuidada reflexão sobre dois tópicos

nucleares da sua elaboração teórica – o da continuidade e o da forma –, que são, simultaneamente, motivo de afinidade e de divergência entre ambos. De facto, tal como Thomasius, Leibniz assume a tarefa de conciliar antigos e modernos, mas, diferentemente do seu Mestre, entende que a matriz dessa ciência eclética é a ciência moderna e não a aristotélica. No que diz respeito à forma e mais precisamente à forma substancial, Leibniz concorda com Thomasius que ela é imprescindível na filosofia natural, mas explica a sua génese de modo mecânico, através do movimento. Por seu lado, em virtude do estatuto fenomenal do movimento, a sua causa primordial não poderá ser outra que o próprio espírito. Por conseguinte, a primeira filosofia de Leibniz conjuga mecanicismo e espiritualismo.

Leibniz developed an intense philosophical and scientific activity along a period of more than fifty years, aiming to elaborate a more complex way of modernity than the vulgar mechanism, which reduces significantly the field of knowledge. The correspondence with Jacob Thomasius, his more influential professor, allowed the young philosopher to do an accurate reflection on two nuclear topics on his intellectual elaboration – those of continuity and form –, which are simultaneously reason of affinity and of divergence between them. Indeed, like Thomasius, Leibniz assumes the task of conciliating ancients and moderns, but, unlike his respectable professor, he realizes that the core of this eclectic philosophy is rather the modern than scholastic one. Concerning form, and more precisely the substantial form, Leibniz agrees with Thomasius that it is irreplaceable in natural philosophy. However, he explains the origin of forms mechanistically, through the motion. On the other side, due to the phenomenal level of the motion, its primordial cause could not be but the mind itself. Furthermore, the first philosophy of Leibniz combines mechanism and spiritualism.

INDEX

Keywords: Leibniz, Thomasius, ancient-modern polarity, reformed philosophy, form, mathematics

Palavras-chave: polaridade antigo-moderno, filosofia reformada, forma, matemática

AUTHOR

ADELINO CARDOSO

CHC/ FCSH, Universidade Nova de Lisboa

Investigador Auxiliar do CHC, doutorado pela Universidade de Lisboa em História da Filosofia Moderna. Coordenou o projecto “Filosofia, Medicina e Sociedade”, coordena actualmente os projectos: “O conceito de natureza no pensamento médico-filosófico na transição do século XVII ao XVIII”, financiado pela FCT, e “Arte médica e inteligibilidade científica na Archipathologia de Filipe Montalto”, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. É autor de um número significativo de artigos em revistas da especialidade, traduziu nomeadamente os Novos Ensaios de Leibniz e é autor de O trabalho da mediação no pensamento leibniziano (Colibri, 2006) e Vida e percepção de si (Colibri, 2008).

Assistant Investigator at the CHC, PhD from the University of Lisbon in the History of Modern Philosophy. Principal Investigator of the project “Philosophy, Medicine, and Society” (2007-2011), supported by FCT, and is currently PI of the project “The concept of nature in the medico-philosophical thought at the transition from the XVIIth to the XVIIIth Century” (2012-2015), supported by FCT, and of the project “Medical Art and scientific intelligibility in the

Archipathologia by Filipe Montalto”, supported by Fundação Calouste Gulbenkian. He is author of numerous papers in specialized Journals, he translated into Portuguese language *Nouveaux Essays* by Leibniz, and is author of *O trabalho da mediação no pensamento leibniziano* (Colibri, 2006), and *Vida e percepção de si* (Colibri, 2008).